





Entretextos 22 (1): jan-jul/2022  
ISSN (digital): 2764-0809  
DOI: 10.5433/1519-5392.2022v22n1.p5

## **O falar diferente no interior do Espírito Santo: pelo aporte de crenças e de atitudes linguísticas**

***Speaking differently within of Espírito Santo: through the analytical lens of linguistic beliefs and attitudes***

***El hablar de manera diferente dentro del Espírito Santo: a través de la contribución de creencias y actitudes lingüísticas***

Ed Carlos Pagani<sup>1</sup>  <https://orcid.org/0000-0001-8680-818X>  
Kauana Scabori<sup>2</sup>  <https://orcid.org/0000-0001-8315-9700>

**RESUMO:** Os falantes podem notar diferenças acústicas (fonéticas), lexicais, sintáticas, entre outras, no falar de outros indivíduos ou, ainda, não identificar traços linguísticos que sejam característicos de uma região do território brasileiro (CARLOS, 2019). Isso posto à luz dos postulados teóricos de Bem (1938), de Lambert e Lambert (1972), de López Morales (1993) e de Moreno Fernández (2009), este artigo apresenta como objetivo geral verificar e discutir as crenças e as atitudes linguísticas em quatro localidades do interior do Espírito Santo (ES). Para alcançar esse objetivo, elencamos o seguinte objetivo específico: (i) identificar a crença apresentada pelos informantes do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB) quanto à existência de variedades linguísticas na localidade de sua residência e as atitudes linguísticas diante dessa crença. A metodologia deste artigo utiliza a abordagem de natureza quali-quantitativa da pesquisa descritiva, na qual seguimos os critérios metodológicos adotados pelo Projeto ALiB, isto é, sendo a seleção de dois homens e de duas mulheres de cada uma das localidades e pertencentes a uma das faixas etárias (18-50 anos e 35-65 anos). Os resultados indicaram a afirmação da crença motivada pela variação étnica e de atitudes negativas perante às variedades linguísticas do Português falado no Brasil (PB).

**PALAVRAS-CHAVE:** Geossociolinguística; crenças e atitudes linguísticas; variedade linguística; alib

**ABSTRACT:** Speakers may notice acoustic (phonetic), lexical, and syntactic differences, among others, in the speech of other individuals, or even not identify linguistic traits that are characteristic of a region of the Brazilian territory (CARLOS, 2019). That said, in light of the theoretical postulates of Bem (1938), Lambert and Lambert (1972), López Morales (1993) and Moreno Fernández (2009), this article presents as its general objective the debate on linguistic beliefs and attitudes in four localities of the countryside of the Espírito Santo. We listed the following specific objectives: (i) to

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos da Linguagem pela Universidade Estadual de Londrina (UEL). *E-mail:* [paganimva@gmail.com](mailto:paganimva@gmail.com).

<sup>2</sup> Doutoranda em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Londrina (UEL), sendo bolsista pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Membro do projeto de pesquisa: "Variação Fonético-Fonológica do Português Brasileiro" da UEL. *E-mail:* [kauana.scabori@gmail.com](mailto:kauana.scabori@gmail.com).

identify the belief presented by the informants of the Linguistic Atlas of Brazil regarding the existence of linguistic varieties in their place of residence, and also the linguistic attitudes towards that belief. The methodology of this article employs the qualitative and quantitative approach of descriptive research, in which we follow the methodological criteria adopted by the ALiB Project, with the selection of two men and two women from each of the locations and belonging to one of the age groups (18 -50 years and 35-65 years). The results indicate the affirmation of the belief motivated by ethnic variation and negative attitudes towards the linguistic varieties of Portuguese spoken in Brazil.

**KEYWORDS:** Geosociolinguistics; linguistic beliefs and attitudes; linguistic variety; alib.

**RESUMEN:** Los hablantes pueden notar diferencias acústicas (fonéticas), léxicas, sintácticas, entre otras, en el habla de otros individuos, o incluso no identificar rasgos lingüísticos propios de una región del territorio brasileño (CARLOS, 2019). Dicho esto, a la luz de los postulados teóricos de Bem (1938), Lambert y Lambert (1972), López Morales (1993) y Moreno Fernández (2009), este artículo presenta como objetivo general el debate acerca de las creencias y actitudes lingüísticas en cuatro localidades del interior del Espírito Santo (ES). Enumeramos el siguiente objetivo específico: (i) identificar la creencia presentada por los informantes del Atlas Lingüístico de Brasil acerca de la existencia de variedades lingüísticas en el lugar de su residencia, y también las actitudes lingüísticas hacia esa creencia. La metodología de este artículo utiliza el enfoque cuali y cuantitativo de investigación descriptiva, en la que seguimos los criterios metodológicos adoptados por el Proyecto ALiB, con la selección de dos hombres y dos mujeres de cada una de las localidades y pertenecientes a uno de los grupos de edad (18 -50 años y 35-65 años). Los resultados indicaron la afirmación de la creencia motivada por la variación étnica y las actitudes negativas hacia las variedades lingüísticas del portugués hablado en Brasil.

**PALABRAS CLAVE:** Geo sociolingüística; creencias y actitudes lingüísticas; variedad lingüística. alib.

## Introdução

Os estudos para diagnosticar quais crenças e atitudes linguísticas têm sido relevantes no Brasil, conforme atestadas por algumas pesquisas (BOTASSINI, 2013), ajudam a verificar a consciência linguística, a atitude dos informantes e, por conseguinte, as tendências linguísticas, isto é, qual variante impõe maior pressão social sobre o falante, resultando em uma variante que ele credibiliza como 'correta'.

Isso posto, para a base teórica de crenças e atitudes linguísticas, recorreremos a Bem (1938), a Lambert e Lambert (1972), a López Morales (1993) e a Moreno Fernández (1998, 2009). Ainda, para o aprofundamento e as comparações dos resultados, consultamos as obras de Alvar (1986), Rodríguez (1988), Gonzalez Gonzalez (1996), Bisinoto (2000), Blanco Canales (2004), Aguilera (2008a) e Botassini (2013).

À luz do aporte teórico descrito, este artigo apresenta como objetivo geral verificar e discutir as crenças e as atitudes linguísticas em quatro localidades do interior do Espírito Santo (ES). Para alcançar esse objetivo, elencamos o seguinte objetivo específico: (i) identificar a crença apresentada pelos informantes do Atlas Linguístico do Brasil (ALiB)

quanto à existência de variedades linguísticas na localidade de sua residência e as atitudes linguísticas diante dessa crença.

Para alcançar os objetivos mencionados, utilizamos as abordagens qualitativa e quantitativa da pesquisa descritiva, na qual seguimos os critérios metodológicos adotados pelo Projeto ALiB. Desse modo, selecionamos os municípios de Barra do São Francisco, de São Mateus, de Santa Teresa e de Alegre, localizados no estado do Espírito Santo.

Em cada uma das localidades, o Comitê Nacional do Atlas Linguístico do Brasil estratificou dois homens e duas mulheres pertencentes a uma das faixas etárias (I 18-50 anos e II 35-65 anos), sendo as respostas desses informantes, para as questões 2 e 3 do Questionário ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), verificadas e analisadas por nós.

O artigo está estruturado da seguinte forma: na próxima seção, apresentamos o aporte teórico referente às crenças e às atitudes linguísticas. Em seguida, discorreremos sobre os procedimentos metodológicos utilizados para a obtenção dos dados, passando para a discussão dos resultados. Por fim, expomos nossas considerações finais, de modo a retomar o objetivo elencado para a investigação do tema proposto.

### **Fundamentos teóricos das crenças e das atitudes linguísticas:** nas trilhas das atividades psicológicas do ser humano com o meio social

As teorias, da Psicologia à Linguística, que trabalham com as crenças e as atitudes diferem quanto à abordagem sobre a composição de uma ou de outra, mas não as excluem. Assim, discorreremos, primeiramente, sobre Psicologia Social e os fundamentos de crenças (BEM, 1938) e de atitudes (LAMBERT, LAMBERT, 1972). Mesmo com o crescente número de trabalhos envolvendo as crenças e as atitudes linguísticas, as investigações realizadas neste artigo encontraram apenas em López Morales (1993) e em Moreno Fernández (2009) a definição de crenças e de atitudes voltada para o campo da Linguística.

Bem (1938) aponta que as crenças e as atitudes são fundamentadas em quatro atividades psicológicas do ser humano: cognitivas, emocionais, comportamentais e sociais. Apesar de estarem relacionadas logicamente e, por muitas vezes, psicologicamente, as crenças e as atitudes não devem ser confundidas nem mesmo concebidas como sinônimos. Ao tratar da relação lógica entre crenças e atitudes, o autor considera a relação entre a lógica psicológica freudiana e a lógica clássica aristotélica, pois é essa mistura de psicológica e de lógica que fundamenta a atividade cognitiva das crenças e das atitudes.

Segundo Bem (1973 [1934]), as crenças – entendidas como as convicções que coletivamente formam a compreensão sobre o próprio ser humano e o meio em que vive – podem ser primitivas ou, ainda, de ordem superior. Logo, as crenças primitivas são constituídas com base em uma credibilidade, conforme constatamos na afirmação de Bem (1973 [1934], p. 13): “credibilidade da própria experiência sensorial ou na credibilidade em alguma autoridade externa”.

Portanto, para o autor supracitado, as crenças apresentam-se como o resultado de uma experiência direta, pelo fato de possuírem credibilidade básica, desse modo as crenças primitivas são aceitas como dadas. Essas crenças primitivas podem ser de ordem zero, as quais são geradas por algum dos sentidos, de primeira ordem, baseadas na orientação de alguma autoridade externa, ou mesmo ser generalizações e estereótipos. Já as crenças de ordem superior são premissas conscientes e explícitas entre o ser humano e a experiência.

Para Bem (1973 [1934], p. 16), a língua é mais uma crença do que propriamente um sistema de convenções. O autor afirma que a língua chega a ser, para muitos, uma crença primitiva baseada na autoridade externa, mas que se valida de crenças de ordem zero, por exemplo ao “considerar as convenções sócio-linguísticas arbitrárias, semelhantes a ‘esta é minha mão esquerda’ e ‘hoje é terça-feira’”. Assim como toda crença primitiva, muitas vezes, a língua não é questionada pelo próprio falante, visto que ele credibiliza uma autoridade externa da língua e toma-a como crença.

Para Bem (1973 [1934]), as atitudes linguísticas são compreendidas como afinidades e aversões, que são os gostos e as antipatias, respectivamente, alicerçadas nas emoções comportamentais dos sujeitos, nas influências sociais e no viés cognitivo. Ainda segundo o autor, atitudes contemplam “as nossas afinidades e aversões a situações, objetos, grupos ou quaisquer outros aspectos identificáveis do nosso meio, incluindo ideias abstratas e políticas sociais” (BEM, 1973 [1934], p. 29).

De acordo com Bem (1973 [1934]), no fundamento cognitivo entre a crença e a atitude, situa-se a diferença de que, na crença, o ser humano emite uma espécie de juízo, em valor positivo ou não, tornando-a avaliativa. Nesse contexto, essa avaliação é a base cognitiva da atitude, logo é a crença que dá suporte cognitivo para os gostos e as antipatias, tornando difícil, até mesmo inviável, debruçar-se sobre a atitude para ignorar a crença. É adequado afirmar que a atitude é movida pela crença e pelas avaliações que a crença do ser humano faz acerca da experiência, do mundo, do objeto e de alguém.

Os fundamentos emocionais das crenças e das atitudes estão ligados aos sentimentos positivos ou negativos que acompanham uma mudança fisiológica no corpo. Para Bem (1973 [1934], p. 73), as reações emocionais não nascem naturalmente, mas, sim, são feitas a partir de estímulos, sendo importante descobrir como “são forjadas as ligações entre emoções e objetos”. Portanto, as emoções são um componente da crença, pois atuam na sua formação, isto é, atuam na relação que o ser humano tem com a experiência. Dessa forma, a emoção ainda corrobora ou prejudica a avaliação da crença e atua de forma superficial ou forte sobre as atitudes.

Já para os fundamentos comportamentais, Bem (1973 [1934]) defende, a partir da teoria da dissonância cognitiva e da teoria da autopercepção, que é o comportamento a causa das atitudes, e não o contrário. Para as crenças e as atitudes, o comportamento e as condições sob as quais ocorrem são um fundamento importante, uma vez que, apesar das influências da cognição, da emoção e do social, o comportamento “oferece base da qual deriva um novo conjunto de interferências sobre o que ele [o ser humano] sente e acredita” (BEM, 1973 [1934], p. 114).

Ainda de acordo com Bem (1973 [1934]), o último fundamento de crenças e de atitudes é o fator social, que está relacionado a toda gama de influências que o ser humano recebe ao longo da vida e das experiências. Algumas dessas influências são superficiais, outras são profundas, outras variam desde tentativas explícitas a tentativas implícitas que fazem, de forma não perceptível, as crenças e as atitudes modificarem-se. Vale ressaltar que o fundamento social aplica-se como referência de atitude que se mostra própria dos grupos sociais com os devidos conjuntos de crenças.

Lambert e Lambert (1972), em concordância com a ideia de que as crenças e as atitudes são fundamentadas em atividades psicológicas, focalizaram seus estudos sobre as atitudes. Para os autores, as atitudes são entendidas como “uma maneira organizada e coerente de pensar, sentir e reagir em relação a pessoas, grupos, questões sociais” (LAMBERT; LAMBERT, 1972, p. 77). Nesse contexto, as atitudes podem ser interpretadas como formas que, aprendidas pelos sujeitos para ajustarem-se na sociedade, configuram hábitos complexos.

Para exaurir os conceitos de atitudes, os irmãos dedicam-se ao significado social da atitude e, para isso, apresentam a natureza, a medição, a função, o desenvolvimento e a modificação das atitudes, desse modo a natureza da atitude está relacionada à crença, ao

comportamento e às emoções. À medida que esses componentes apresentam-se inter-relacionados e ficam coerentes e vinculados a uma forma de pensar, são formadas as atitudes (LAMBERT; LAMBERT, 1972).

Para os autores, essa atitude formada diante da associação pode ser negativa ou favorável. Desse modo, quando a atitude resulta em uma reação de suspeita ou de hostilidade, à proporção que ela acontece, torna-se uma atitude negativa; já quando há uma aproximação e uma atração de ideias, o resultado é uma atitude favorável (LAMBERT; LAMBERT, 1972).

Ainda segundo Lambert e Lambert (1972), a medição direta da atitude é impossível, pois trata-se de processos psicológicos complexos<sup>3</sup>. Em vista disso, a medição da atitude é dedutiva, a partir de informações acessíveis sobre a crença, as emoções e os comportamentos.

Deduzir as atitudes com o auxílio de uma “medida de distância social” verificada, a partir do comportamento ou de uma resposta direta, permite escalonar em atitudes estigmatizadas, atitudes de inferioridade, atitudes de superioridade, entre outras (LAMBERT; LAMBERT, 1972). A título de exemplo, as questões metalinguísticas, contempladas no questionário do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), oportunizam que os informantes evidenciem as crenças, os comportamentos e as emoções sobre a língua, fatores estes que possibilitam identificar e analisar sua atitude.

Para Lambert e Lambert (1972, p. 83), as atitudes “afetam nossos julgamentos e percepções sobre outros, ajudam a determinar os grupos com que nos associamos, as profissões que finalmente escolhemos e até as filosofias à sombra das quais vivemos”. Isso posto, fica claro que as atitudes, assim como as crenças e as emoções, são materializadas pelos comportamentos.

Referente ao desenvolvimento das atitudes, os irmãos Lambert (1972) veem-nas como passíveis de serem aprendidas a partir dos princípios da associação, da transferência e da satisfação de necessidade como formas de aprendizagem. Em suma, a associação e a satisfação de necessidade cumprem a aprendizagem das emoções e dos comportamentos, enquanto a transferência ocupa-se de satisfazer a aprendizagem da crença.

Por fim, os autores apresentam que as atitudes não podem mudar facilmente, pois,

---

<sup>3</sup>Lambert e Lambert (1972) seguem a perspectiva mentalista para definir as atitudes como processos psicológicos. Ver sobre em: Canales (2004).

uma vez aprendidas, estas deveriam ser fáceis de modificar ou de substituir. No entanto, na visão dos teóricos, as atitudes não são modificadas com a mesma facilidade que são aprendidas, visto que elas participam de forma ativa na personalidade e no comportamento do indivíduo (LAMBERT; LAMBERT, 1972).

Para Lambert e Lambert (1972, p. 97), as tentativas de mudança da atitude só conseguem interferir no “pensamento-crença”, posto que se mantêm as emoções e os comportamentos dos indivíduos, de maneira que a atitude volte ao seu estado original. Um exemplo para o componente mencionado refere-se ao falante que altera a variante rótica retroflexa em um contexto de extrema formalidade, no entanto, por convenção de uma manifestação de sentimento, retoma a sua variante mais usual em um ponto do contínuo de baixo monitoramento à fala.

Para Lopez Morales (1993), as crenças e as atitudes linguísticas afetam fenômenos particulares e específicos, além das línguas estrangeiras que convivem dentro ou fora da comunidade de fala. As consequências dessa interação – das crenças e das atitudes linguísticas com as comunidades de fala – podem ser diversas, desde o favorecimento de uma mudança linguística até a discriminação de itens da variação linguística.

Moreno Fernández (2009), após apontar a importância do estudo da atitude no campo linguístico, definiu a atitude linguística como uma manifestação social da atitude do indivíduo que tem relação com a língua ou com o uso da língua na sociedade, independentemente da variedade linguística. Portanto, a atitude linguística manifesta-se nas variedades e apresenta-se como fator decisivo para a padronização e a vitalidade da língua. Logo, se as atitudes diante da variação são positivas, a variação tende a padronizar-se e a continuar viva; caso as atitudes sejam negativas, a variação é rejeitada e esquecida pelos falantes.

### **Procedimentos metodológicos**

O *corpus* deste trabalho constitui-se das respostas para a segunda e a terceira questão das perguntas metalinguísticas propostas no questionário do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001), as quais foram obtidas junto aos informantes do interior do Estado do Espírito Santo. Essas questões foram realizadas ao final do inquérito, com o objetivo de verificar as crenças e as atitudes linguísticas que os falantes têm acerca da própria língua e, ainda, em face de outras comunidades de fala.



A segunda questão expressada se apresenta da seguinte forma:

2 – Tem gente que fala diferente aqui em \_\_\_\_\_ (a cidade onde está)?  
Se houver, identificar os grupos “que falam diferente” (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 46, grifos e recurso gráfico do autor).

A formulação da questão citada favorece que o informante emita diretamente, a partir da consciência linguística, sua crença sobre a língua à existência de outros grupos linguísticos que falam de modo diferente na localidade. Cabe salientarmos que as respostas podem alternar entre a negação e a afirmação. Caso seja afirmativa, os informantes devem citar quais são esses grupos, e, nesse processo de identificação, é esperado que o falante consiga evidenciar a motivação da fala diferente da que foi constatada por ele, isto é, se consiste em uma variação diatópica, diastrática, étnica, diageracional, entre outras.

Já a terceira questão foi formulada pela equipe do Comitê ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001, p. 46, *grifo do autor*), conforme segue:

3 – Poderia dar um exemplo do modo como falam essas pessoas “que falam diferente”?

Essa formulação foi realizada somente para os informantes que responderam afirmativamente à questão de número 2. Portanto, a terceira questão permite que o informante demonstre como os grupos identificados anteriormente comportam-se linguisticamente. As respostas da questão 3 ratificam a crença da questão 2 e, sobretudo, sinalizam se suas atitudes linguísticas são positivas ou negativas diante do grupo linguístico identificado.

Para a análise deste artigo, consideramos as respostas das questões 4 e 5 apenas quando os informantes responderam à questão 2, isso porque, às vezes, os participantes da pesquisa retomaram a segunda questão no momento de responder à quarta e à quinta questão, e ainda, exemplificam as falas na localidade quando se lembram de algum morador local conhecido que veio de outra localidade.

Quanto à rede de pontos, no interior do Espírito Santo (ES), o ALiB selecionou quatro localidades: Barra de São Francisco (ponto 188), São Mateus (ponto 189), Santa Teresa (ponto 191) e Alegre (ponto 192), em cada uma das quais foram entrevistados quatro informantes, sendo 2 homens e 2 mulheres, na faixa etária I, de 18-30, e na faixa etária II, de 50-65 anos, resultando em 16 inquéritos. Esses inquéritos foram realizados no ano de



2009, e, por estarem em áudio, realizamos a transcrição grafemática<sup>4</sup> das interlocuções preservando o conteúdo dos discursos.

Os dados da capital do estado – Vitória (ponto 190) – foram analisados por Aguilera (2008a, p. 106), juntamente das demais capitais do país, com o objetivo de discutir “as crenças e as atitudes linguísticas assumidas e realizadas na fala de informantes urbanos de vinte e cinco capitais brasileiras”.

O método de análise das questões pautou-se na proposta mentalista, que se trata da investigação direta e do estabelecimento de padrões no intuito de verificar as tendências de respostas dos informantes. Para isso, foram estipulamos pólos para as respostas, isto é, na segunda questão (como se presume uma resposta direta), primeiramente, polarizamos entre afirmativo e/ou negativo, e, em caso de afirmativo, a motivação da crença era categorizada em uma das seguintes variações: diatópica, diastrática, étnica, diageracional ou “em inferência”, para os casos omissos. Já na terceira questão, analisamos as respostas a fim de verificarmos algum indício que permitisse deduzir qual era a atitude linguística do informante diante da variedade linguística analisada.

**Análise dos dados:** o que dizem as respostas dos informantes do Espírito Santo para as perguntas do questionário ALiB (2001)?

Nesta seção de análise, apresentamos os resultados em números absolutos e valores percentuais para as respostas obtidas junto aos informantes entrevistados pelos membros do Projeto ALiB. Dessa forma, os relatos são exibidos por meio de excertos, que auxiliam a reflexão analítica em torno do ‘falar diferente’ no Espírito Santo (ES).

#### *Crenças e atitudes linguísticas: a fala do outro*

Em Barra de São Francisco (ponto 188), os quatro informantes, mesmo tendo consciência de que existe variação diatópica, se contrastado com outras localidades, não identificaram a presença de variações na fala da localidade. A crença desses informantes foi de que a variação linguística está presente no outro e em outras localidades, conforme comprovamos pelos excertos seguintes:

---

<sup>4</sup>Verificar Santos (2013, p. 391) na obra de: AGUILERA, V. A. (Org.). *A geolinguística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos percorridos*. Londrina: Eduel, 2013.

- (1) *INQ. – português mesmo, você falou que era português... tem alguém que fala diferente a língua portuguesa aqui? INF.- não. (188/01).*
- (2) *INQ. – mas queria saber de português mesmo, tem gente que fala diferente aqui? INF.- Não. (188/02).*
- (3) *INQ. – Tem gente que fala diferente aqui em Barra de São Francisco? INF.- Não, não... (188/3).*
- (4) *INQ. – É, que seja daqui mesmo... que seja brasileiro... tem gente que fala diferente aqui em Barra de São Francisco? INF.- Tem... não, tem os que fala, que aprendeu fora né, que foram para fora e aprendeu, mas aqui dentro... é tudo igual... (188/4).*

Vale ressaltar que, no ponto 188, os informantes foram unânimes em negar a variação na localidade. O não reconhecimento da variação na localidade reforça a afirmação de Aguilera (2008a, p, 107): "o mito do não sotaque na fala dos naturais da localidade". Isto é, o sotaque apresenta-se na língua do outro, mas, para o informante, a língua dele é, pelo princípio da comunicabilidade, correta e livre de sotaques ou de variações.

Em São Mateus (ponto 189), a mais antiga cidade capixaba, todos os informantes responderam afirmativamente sobre a presença de variedade linguística na localidade. O informante 01 apontou para as variações étnica e diatópica para exemplificar a variação, conforme segue:

- (5) *Tem, os ciganos... [...] - Eles falam mais assim: o ganjão... tu tá pensando o quê? Eu não sou besta não... Eles falam tudo assim, meio puxando... (189/01).*

A atitude linguística desse informante foi negativa diante do falar carioca, o que depreendemos pela rejeição da pronúncia palatalizada do /S/ em final de sílabas, característica do falar carioca, e pelo desprestígio que atribuiu à fala do outro. Confrontando o resultado comentado com a carta F05 C 4E do Atlas linguístico do Brasil (CARDOSO *et al.*, 2014) e os registros de /S/ em coda externa nas capitais, verificamos que a palatalização não ocorre em Vitória, ao contrário do que se constata no Rio de Janeiro, região na qual há alta frequência de aplicação da regra.

- *É... ele fala "pega dois mestres lá cara... pô muleque, tu não viu não... pô esses caras são fudas hein... esses caras parecem ser besta" fica assim puxando o dia todo, esse xii xiiii... carioca, cê não sabe falá direito não? xi xiii... Aí quando a gente vai chamar ele, a gente fala assim: o carioksiii... aí vai o carioksiii... a galera dá risada. Aí, tem um outro baiano lá: "tu não viu a colher não?" "tu não viu a pá não?" "tu não viu a chave não?" Aí fala: tu não viu não... ué? (189/01).*

A atitude negativa sobre o falar baiano também é notável na rejeição do pronome tu.

O informante 02 tem consciência de que o mateense não tem sotaque, pois sente a diferença quando em contato com brasileiros de outras regiões e percebe a variação diatópica na fala do outro, principalmente nos níveis fonético e lexical, conforme ilustram os depoimentos seguintes:

(6) - *É capixaba, a gente somos capixaba, sempre quando uma pessoa chega aqui, diferente, a gente já pergunta, você é o quê? Você é mineiro? Não fala igual a gente, se é mineiro se é baiano... [...] Diferente? Meus padrões, que eles são de Curitiba tem outro tipo de fala, falam português, mas é assim um jeito estranho... (189/2).*

O informante 189/2 mantém uma atitude negativa diante de outras variedades, se comparadas à própria variante (*Você é mineiro?Curitibano fala estranho*). A atitude de negação e o estranhamento também estão alicerçados no elemento cognitivo – o informante consegue distinguir o traço de não alteamento da vogal /e/ átona final, mas aciona outro conhecimento, quer dizer, um outro mito quanto à modalidade falada como espelho da modalidade escrita: fala-se como escreve-se, e o não alteamento das vogais médias átonas finais presente no falar curitibano, nesse quesito, aproxima-se da modalidade escrita orientada pelos manuais de gramática normativa.

(7) - *[...] Aqui a gente sempre fala com i e eles certo com e no final leite quente, aqui a gente fala leiti quenti... (189/02).*

O informante 03 alegou que existem várias pessoas que falam de maneira diferente e notou a variação diastrática no tocante ao *status* social para exemplificar a inadequação de um registro lexical incompatível com o lugar social do falante, conforme identificado no excerto abaixo:

(8) *Tem várias pessoas que fala diferente. Tem uns que fala... ontem mesmo estava marcando jogo, o cara foi, foi até engraçado, o cara vereador, o cara foi vereador, o cara falou um nome, um nome completamente errado ao que tinha que falar, aí nos tava conversando... embaixo do pé de manga, aí um falou assim, olha só, como é que um cara vereador, vai falar uma palavra daquela errada. Que não pode acontecer isso. (189/03).*

A atitude negativa do informante 189/3 mostra o seu preconceito em face de uma variedade diferente da sua, mas agora baseado na crença de que o lugar ocupado pelo vereador na escala social, em um grupo específico – o poder legislativo municipal –, exige do falante outro nível de linguagem. O esperado era que o vereador em questão

manifestasse-se na variante que o informante considera como prestigiosa, mas, ao expressar-se fora dessa variante de prestígio, o político provocou uma atitude de perplexidade: “*como é que um cara vereador, vai falar uma palavra daquela errada. Que não pode acontecer isso*”, gerando uma frustração na expectativa do informante pautada no preconceito linguístico.

A informante 04, por mais que tenha consciência da diferença, não consegue replicar a variedade que considera distinta do falar mateense. Essa informante, que é da segunda faixa etária e do sexo feminino, adota uma atitude de negativa ao expor sua crença deste modo:

*- Bom, tem. De ter, tem. Pessoas assim, que eu não tenho grande intimidade, mas que tem, tem. [...] - É, eles falam diferente. [...] - Não, não pode dar esse exemplo. (189/04).*

Em outro ponto capixaba investigado, Santa Teresa (ponto 191), as respostas dos quatro informantes na apuração de existência de falas diferentes na localidade foram unânimes: falam diferenciado os mais idosos que são descendentes dos colonizadores, ou seja, a diferença é atribuída às variações diageracional e diatópica, de manutenção da fala dos ancestrais.

*- Sim, é só os mais bem antigos que falam... (191/01).  
- Falava mais italiano que se fala hoje (191/02).  
- Tem, tem pomerano, alemão, italiano (191/03).  
- É, tem o dialeto italiano e tem o pomerano, as duas línguas mais, a pomerana, que é a luterana que eles falam, pomerano que é o mesmo que o luterano, e o italiano que é o dialeto... que tem o alto e baixo né? (191/04).*

A cidade de Santa Teresa, tida como a mais italiana do Estado, destaca-se pela composição étnica de sua população, pelo predomínio de colonizadores de variados grupos europeus, em que se sobressaem, além da italiana, as matrizes alemã e da língua pomerana. Mesmo os informantes sendo descendentes e tendo consciência da diversidade da fala dos mais idosos, eles não parecem dispostos a dar continuidade a essas variedades étnicas.

*- Italiano? Tem aquelas de novelas que falam lá, nem sei se é certo, per favore... (191/01).  
- Falava mais italiano que se fala hoje. (191/02).  
- A língua italiana. A origem aqui é italiana, a maioria é tudo italiana, hoje não, já morreu, muitos então não falam... (191/03).  
- Olha, a língua pomerana, do meu marido, na verdade eu sei falar poucas palavras, você entendeu? e a italiana, na verdade... (191/04).*

Considerando que os informantes teresenses de ambos os sexos e das duas faixas etárias reconhecem a fala diferente por meio da variação diageracional e que não falam a variante dos ascendentes, deduzimos que atitudes em relação a ela podem levar à mudança linguística (LÓPEZ MORALEZ, 1989), sobretudo se não houver políticas públicas que incentivem a recuperação e a manutenção da cultura dos ancestrais.

Em Alegre (ponto 192), três informantes reconheceram a fala diferente na localidade pela variação étnica no contraste com outra língua, não dentro da língua portuguesa, como podemos observar nos excertos seguintes:

- *Um dia desses, eu vi um rapaz falando uma língua diferente. [...] - Não identifiquei, mas era uma língua bem enrolada (192/02).*
- *Ah, de vez enquanto chega um pessoal de fora, esses hippie mesmo falando tudo enrolado aí. Mas é mais em época de festa que esse pessoal aparece. [...] ah, acho que aquilo não é português não. Tentam imitar o português, mas não é... (192/03)*
- *Não, não. Tem italiano também aqui, que fala italiano (192/04).*

Os dados analisados sobre o conhecimento de variedades do Português Brasileiro (PB) distintas da fala local apontam que, nas quatro localidades capixabas investigadas, a maioria dos informantes assume a consciência de haver falares diferentes, mas não apenas no que diz respeito às variedades do PB, como também sobre variedades estrangeiras. Em ambos os casos, manifestam, normalmente, atitudes de rejeição e de preconceito. Além disso, não verificamos manifestações de simpatia ou de apreço pela variedade dos ascendentes estrangeiros. Quanto à enumeração ou à reprodução de traços das falas diferentes, a maioria absteve-se de mencioná-los.

#### *Crenças: sexo e faixa etária*

Pelo exposto, os dados apontam para a crença de outras variedades linguísticas no interior do Espírito Santo (ES). Dentre os 16 informantes investigados, 68,8% acreditam que existem outras variedades linguísticas nas localidades das entrevistas. Nos quatro pontos de inquéritos, houve 17 respostas que puderam ser categorizadas em variação diatópica, em variação diastrática, em variação diageracional e em variação étnica. A quantidade de respostas não coincide com o número de informantes, uma vez que houve informantes que indicaram mais de uma motivação para as diferenças linguísticas.

Analisando a relação de tipos de variação e as variáveis sexo e faixa etária,

elaboramos o Tabela 1.

**Tabela 1** – Tipos de variação linguística identificados nas 17 respostas da fala local de acordo com a variável sexo

<b>Motivação</b>	<b>Homens</b>	<b>Mulheres</b>	<b>Total</b>
Variação diatópica	1 (11,1%)	1 (12,5%)	2 (11,7%)
Variação diastrática	1 (11,1%)	-	1 (5,8%)
Variação diageracional	2 (22,2%)	2 (25%)	4 (23,5%)
Variação étnica	3 (33,3%)	4 (50%)	7 (41,1%)
Sem inferência	2 (22,2%)	1 (12,5%)	3 (17,6%)
<b>Total</b>	<b>9 (100%)</b>	<b>8 (100%)</b>	<b>17 (100%)</b>

**Fonte:** Elaborada pelos autores com os dados do ALiB.

Das 17 respostas obtidas, 11,7% reconheceram outras variedades linguísticas, devido à presença de pessoas naturais de outras regiões com fala diferente. Nenhuma mulher identificou a variação diastrática como motivadora da fala diferente nas localidades. A variação diageracional representa 23,5% das respostas, com distribuição igual entre os sexos – dois homens e duas mulheres – na mesma localidade, Santa Teresa.

A causa mais relevante é a variação étnica, pois 33,3% dos homens e 50% das mulheres em cada grupo, 41,1% do total, indicaram estrangeiros natos residentes nas localidades como falantes de variedades diferentes. As respostas que negaram a presença de outras variedades ou que não apresentaram indícios da causa representam 17,6%, entre homens e mulheres.

A Tabela 2 contempla os tipos de variação linguística identificados na fala local quanto à variável diageracional:

**Tabela 2** – Tipos de variação linguística identificados na fala local de acordo com a variável faixa etária

<b>Motivação</b>	<b>Faixa I</b>	<b>Faixa II</b>	<b>Total</b>
Variação diatópica	2 (22,2%)	-	2 (11,7%)
Variação diastrática	-	1 (12,5%)	1 (5,8%)
Variação diageracional	2 (22,2%)	2 (25%)	4 (23,5%)
Variação étnica	4 (44,4%)	3 (37,5%)	7 (41,1%)
Sem inferência	1 (11,1%)	2 (25%)	3 (17,6%)
<b>Total</b>	<b>9 (100%)</b>	<b>8 (100%)</b>	<b>17 (100%)</b>

**Fonte:** Elaborada pelos autores com os dados do ALiB.

A Tabela 2 ilustra que nenhum informante da faixa II referiu-se à variação diatópica e que nenhum informante da faixa I referiu-se à variação diastrática. A variação

diageracional foi mencionada em Santa Teresa nas duas faixas etárias. A variação étnica foi lembrada por quatro falantes da faixa I, seguida pela faixa II, com três informantes. As respostas sem inferência foram mais frequentes na faixa II.

Ao relacionar os dados segundo as variáveis sexo e faixa etária, podemos notar que:

- Apenas um homem e uma mulher da faixa I informaram a variação diatópica;
- Apenas um homem da faixa II informou a variação diastrática;
- A variação diageracional foi referida com a mesma frequência pelos homens e pelas mulheres de ambas as faixas;
- Os homens apresentaram mais atitudes negativas perante as demais variedades linguísticas locais;
- As mulheres foram mais perceptivas para a variação étnica;
- Os homens foram os que mais negaram a variação na localidade.

Após as análises das questões 2 e 3, podemos afirmar que, no interior do Espírito Santo, é a variação étnica que caracteriza linguisticamente os informantes de ambos os sexos e faixas etárias para a crença da existência de variação linguística na localidade. Esse fato pode ser justificado pela presença maciça de imigrantes europeus – italianos, alemães e pomeranos (Região do Mar Báltico) – e de seus descendentes nas quatro regiões estudadas, conforme mencionado.

## **Conclusão**

O presente artigo propôs-se a analisar as respostas dadas às questões metalinguísticas 2 e 3 do questionário do Projeto ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB, 2001). Desse modo, as análises evidenciaram que os informantes acreditam na existência de variedades linguísticas de suas localidades, sendo estas explicadas de forma principal pelas variações étnicas, diageracionais e diatópicas. Ainda, pudemos deduzir que as atitudes de alguns informantes diante da variedade são de rejeição, constatadas por nós pelas sinalizações de anedotas e de deboches.

Concernente às respostas dos informantes do interior do Espírito Santo, estas permitem-nos concluir que eles reconhecem as diferentes variedades de fala que circulam na localidade na qual habitam. No entanto, não reconhecem a própria fala como uma variedade do português, mas, sim, como uma língua “normal”, em que o interior apresenta a mesma fala da capital do estado, Vitória, apontando que o sotaque está presente apenas no outro.

A variação étnica e a variação diageracional revelaram-se as mais perceptíveis, pois



foram dadas como resposta pelos informantes para explicar as distintas variedades veiculadas ao falar da localidade.

Por fim, constatamos que as atitudes linguísticas dos informantes em face das demais variedades foram, na maioria dos casos, de negação no tocante à fala do outro e de rejeição do sotaque alheio, atitudes estas mais evidentes entre os informantes 189/01 e 189/03, de São Mateus.

Em resumo, reconhecemos que as questões metalinguísticas do ALiB (COMITÊ NACIONAL DO PROJETO AliB, 2001) não foram elaboradas com o propósito primordial de buscar a avaliação de crenças e de atitudes linguísticas dos informantes, que compõem o *cópus* coletado. Os dados, no entanto, têm se mostrado fontes bastante produtivas para a exploração desse viés sociolinguístico, além de apresentarem-se como um registro das afirmações positivas e/ou negativas realizadas nas localidades inquiridas pelos membros do Projeto.

## Referências

- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: o que dizem os falantes das capitais brasileiras. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, v. 37, n. 2, p. 105-112, 2008a. Disponível em: [http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/37/EL\\_V37N2\\_11.pdf](http://www.gel.hospedagemdesites.ws/estudoslinguisticos/volumes/37/EL_V37N2_11.pdf). Acesso em: 11 maio 2022.
- AGUILERA, Vanderci de Andrade. Crenças e atitudes linguísticas: quem fala a língua brasileira. In: RONCARATI, Cláudia; ABRAÇADO, Jussara (org.). *Português brasileiro: contato linguístico, heterogeneidade e história*. Niterói: EDUFF, 2008b. v 2, p. 311-333.
- ALVAR, Manuel. *Hombre, etnia, estado: actitudes linguísticas em hispaniamérica*. Barcelona: Editorial Gredos, 1986.
- BEM, Daryl Jay. *Convicções, atitudes e assuntos humanos*. tradução de Carolina Marusseli Bori. [1934] São Paulo: EPU, 1973.
- BEM, Daryl Jay. *Convicções atitudes e assuntos humanos*. Editora USP. São Paulo, 1938, p. 189. (Coleção Clássica de Comportamento).
- BISINOTO, Leila Slaomão Jacob. *Atitudes Sociolinguísticas em Cáceres-MT: efeitos do processo migratório*. 2000. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Uiversidade Estadual de Campinas, Campinas, 2000. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/198270?guid=1652277131303&returnUrl=%2fresultado%2flistar%3fguid%3d1652277131303%26quantidadePaginas%3d1%26codigoRegistro%3d198270%23198270&i=1>. Acesso em: 11 maio 2022.
- BLANCO CANALES, Ana. *Estudio sociolingüístico de Alcalá de Henares*. Madrid: Universidad de Alcalá, 2004.
- BOTASSINI, Jacqueline Ortelan Maia. *Crenças e atitudes linguísticas: um estudo dos róticos em*

coda silábica no Norte do Paraná. 2013. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2013.

CARDOSO, Suzana Alice Marcelino da Silva. et al. *Atlas linguístico do Brasil*, v.2. Cartas Linguísticas 1. Londrina: EDUEL, 2014.

CARLOS, Pagani. Consciência e atitudes linguísticas : a diversidade de falares identificada pelo sul mineiro. *In: SIMPÓSIO DE VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E ENSINO HOMANGEM*, 3., 2019, Maringá. *Anais [...]*. Maringá: UEM, 2019. Disponível em: <https://sites.google.com/uem.br/simvale-2019/p%C3%A1gina-inicial/anais>. Acesso em: 11 maio 2022.

COMITÊ NACIONAL DO PROJETO ALiB. *Atlas linguístico do Brasil: Questionários 2001*. Londrina: EDUEL, 2001. Disponível em: [https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/questionario\\_alib.pdf](https://alib.ufba.br/sites/alib.ufba.br/files/questionario_alib.pdf). Acesso em: 11 maio 2022.

GONZALEZ GONZALEZ, Manuel. As Actitudes Lingüísticas. *In: Seminario de Sociolingüística da Real Academia Galega*. 1996. *Anais*. Galizia: Real Academia Galega, 1996. p. 226.

LAMBERT, William Wilson; LAMBERT, Wallace Earl. *Psicologia social*. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. 2. ed. Madrid: Gredos Editorial, 1993.

LÓPEZ MORALES, Humberto. *Sociolingüística*. Madrid, Gredos, 1989. p. 310.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de sociolingüística y sociología del lenguaje*. Ed. 4ª, Editotial Ariel, S. A. Ayda. Diagonal, 1998 y 2009 (corrigida y actualizada). p. 662-664.

MORENO FERNÁNDEZ, Francisco. *Principios de Sociolingüística y sociología del lenguaje*. 4. ed. Barcelona: Ariel Letras, 2009. Disponível em: [https://www.researchgate.net/profile/Francisco-Moreno-Fernandez/publication/44357930\\_Principios\\_de\\_sociolingüística\\_y\\_sociología\\_del\\_lenguaje\\_Francisco\\_Moreno\\_Fernandez/links/58ed1192aca2724f0a26b383/Principios-de-sociolingüística-y-sociología-del-lenguaje-Francisco-Moreno-Fernandez.pdf](https://www.researchgate.net/profile/Francisco-Moreno-Fernandez/publication/44357930_Principios_de_sociolingüística_y_sociología_del_lenguaje_Francisco_Moreno_Fernandez/links/58ed1192aca2724f0a26b383/Principios-de-sociolingüística-y-sociología-del-lenguaje-Francisco-Moreno-Fernandez.pdf). Acesso em: 11 maio 2022.

SANTOS, Irenilde Pereira dos. Técnicas de transcrição grafemática para o alib: reflexões. *In: AGUILERA, Vanderci de Andrade (org.). A geolingüística no Brasil: trilhas seguidas, caminhos percorridos*. Londrina: Eduel, 2013. p. 391-404. Disponível em: <https://livrozilla.com/doc/1084753/geolingu%C3%ADstica-no-brasil--trilhas-seguidas--caminhos-a>. Acesso em: 11 maio 2022.

*Submetido em: 28/08/2021*

*Aceito em: 10/11/2021*